



Entre carnavais, festas e procissões: trajetórias afro-diaspóricas e o celebrar na América (Laguna/SC no tempo presente)

Willian Felipe Martins Costa¹

Resumo: Neste texto tenho por objetivo compartilhar o início do meu caminhar em minha pesquisa de doutorado. Dito isso, minha pesquisa visa identificar e analisar, a partir de diferentes trajetórias de pessoas afro-diáspóricas, formas de celebrar na cidade de Laguna, no sul de Santa Catarina. Acredito serem essas formas de celebrar caracterizadas por múltiplos sentidos e permitem identificar formas de ser contra hegemônicas a modernidade. Me interessa particularmente compreender a constituição do carnaval, das religiosidades e atividades recreativas de clubes e sociedades musicais, investigando acerca dos sentidos e intenções atribuídos as essas formas de celebrar em um contexto marcado pela colonialidade. Como fontes trago registros orais, obtidos a partir de entrevistas, bem como, arquivísticos (processo, cartas, ofícios, jornais e fotografias). Para o desenvolvimento da pesquisa utilizarei como metodologia uma costura da memória para construir um panorama amplificado acerca das experiências e (re)existências das populações afro-diaspóricas na cidade, entendida como um espaço geopolítico localizado na América. Busco nesse sentido, contribuir para a construção de uma historiografia que evidencie e incorpore a perspectiva afro-diáspórica, suas experiências e memórias sobre a história de Laguna e seus diferentes territórios e formas de celebrar.

Palavras-chave: Trajetórias afro-diaspóricas; Formas de celebrar; Laguna.

Construindo trajetórias de pesquisa

Olha eu já fiz um pouco de tudo nesta vida. Só não matei e não roubei! Fui escoteiro, joguei futebol, trabalhei nas pedreiras para construção dos molhes, fui servente da prefeitura, fui músico... de tudo um pouquinho. Quer dizer, se eu cooperei para melhorar a Laguna, para piorar não foi (MARTINS, 1998)².

O registro oral acima pertence a João Juvêncio Martins, nascido na cidade de Laguna no ano de 1913. João viveu sua vida toda na Laguna, constituiu família e fez de tudo um pouco na cidade. No ano de 1998, já nos seus 84 anos, João foi entrevistado pela pesquisadora Liliane Lucena, que na época desenvolvia uma pesquisa de mestrado em geografia sobre a constituição dos espaços públicos de Laguna. Em sua entrevista João falou sobre suas

¹Doutorando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Pesquisador associado do Laboratório de Estudos Pós-Colônias e Decoloniais - AYA. Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Orientado pela professora Dra. Claudia Mortari. E-mail: will53638@gmail.com.

²Entrevista concedida a Liliane Lucena em 1998 e disponibilizada pela entrevistadora ao autor em 2021.



identidades, destacando sua ascendência africana a partir da figura de sua avó materna; atribuiu sentidos a alguns territórios afro-diaspóricos na cidade e constituiu uma narrativa sobre algumas formas de celebrações em Laguna.

Vinte e três anos depois, buscando referências de trabalhos sobre a cidade, encontrei a dissertação de Lucena e conseqüentemente o registro oral de João. O interessante é que ao pesquisar mais sobre a fonte descubro que João era, na verdade, meu avô materno. Eu estava desenvolvendo minha dissertação de mestrado e fui surpreendido pelo fato de encontrar uma entrevista sua, pois foi a partir das histórias que ele me contava em nossas caminhadas pelo centro histórico de Laguna que comecei, ainda criança, a desenvolver uma curiosidade que me levou a ser um historiador.

Perpassado pelo meu lócus de enunciação e diante da coincidência, encontrei-me com o “vô” no mestrado, ponto que sigo com sua companhia no doutorado. Nesse sentido, acredito que sua trajetória de vida e sua atuação em diferentes espaços da cidade de Laguna, como, por exemplo, na cena musical, é uma dentre tantas trajetórias que podem oferecer indícios importantes sobre as experiências e (re)existências das populações afro-diaspóricas em Santa Catarina e no Sul do Brasil. Em específico, a partir de formas de celebrar.

Dito isso, neste texto busco apresentar um pouco da minha caminhada de pesquisa que desenvolvo junto ao PPGH - UDESC e ao AYA – Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais. Início com uma apresentação de minha revisão bibliográfica. Em seguida adentro em minhas fontes e nas referências teórico metodológicas, propondo algumas possibilidades de trabalho. Por último, apresento um pouco de minha perspectiva de trabalho acerca de minha temática. Nessa perspectiva, a pesquisa que vos apresento tem como objetivo central identificar e analisar, a partir de diferentes trajetórias de pessoas afro-diaspóricas, formas de celebrar na cidade de Laguna. Acredito serem essas formas de celebrar caracterizadas por múltiplos sentidos e permitem identificar formas de ser contra hegemônicas a modernidade. Me interessa particularmente compreender a constituição do carnaval, das religiosidades e atividades recreativas de clubes e sociedades musicais, investigando acerca dos sentidos e intenções atribuídos a essas formas de celebrar em um contexto marcado pela colonialidade. O recorte temporal parte do tempo presente no exercício de movimento por diferentes temporalidades, circunscrito a partir das questões identificadas em entrevistas previamente realizadas e que resultaram — e resultarão — na pesquisa posterior em outros suportes documentais. Assim, esses elementos funcionam como balizas móveis que podem ser

deslocadas no tempo conforme a necessidade da reflexão, discussão e interpretação dos eventos.

Revisão bibliográfica

Iniciei meu caminhar da pesquisa com o processo de revisão bibliográfica. Estabeleci esse processo a partir de alguns trabalhos produzidos em diferentes áreas acerca de diferentes formas de celebrações negras no Brasil, em Santa Catarina e em Laguna. Entre as produções levantadas foram identificadas celebrações ligadas à religiosidade, ao carnaval e às sociedades recreativas. Pensando a questão da religiosidade, destaco alguns trabalhos que constroem um panorama de práticas de celebrações empreendidas por populações de origem africana no Brasil que datam desde o século XVII até o tempo presente. Marina de Mello e Souza (2001) investigou sobre as tradições das congadas, analisando sua constituição e difusão, em um estudo que perpassa desde Portugal, Reino do Congo e Américas. Já Karla Rascke (2016) e Jaime Silva (2015) apontam para a importância em Santa Catarina das irmandades e devoções religiosas negras ligadas a igreja católica e as apresentam enquanto organizações fortemente marcadas, dentre outros elementos, por diferentes formas de celebrar, como, por exemplo, procissões, coroações de reis e rainhas, cerimônias de morte e o cacumbi, dança de origem afro-brasileira associada à devoção de N. S. do Rosário e São Benedito. Acredito que minha pesquisa pode contribuir com uma discussão de religiosidade e celebrações na historiografia de Laguna ao incorporar diferentes memórias e narrativas das próprias populações que apontam para diferentes sentidos e intenções.

Já no que se refere ao carnaval, as pesquisas produzidas pelo antropólogo lagunense Aloísio Luiz dos Reis (1996) e pela historiadora Cristiana Tramonte (1995), ambos pensando o carnaval e as escolas de samba nos contextos locais de Laguna e Florianópolis, apontam para uma perspectiva que relaciona essa celebração e as instituições carnavalescas a agência histórica das populações afro-diaspóricas no estado catarinense. Reis (1996) a partir do campo da antropologia social, debruçou-se a discutir acerca de territorialidades negras em Laguna tendo como ponto de partida a Escola de Samba “Brinca quem Pode” fundada em 1947, na intencionalidade de marcar um lugar de presença e de dinâmicas sociais múltiplas. Já Tramonte (1995) identifica as escolas de samba enquanto uma das mais significativas organizações sociais no Brasil e destaca que em Florianópolis desde a década de 1950 têm

sido importantes instrumentos de organização e educação das populações negras de origem popular, dinamizando processos educativos políticos, artísticos, éticos e culturais. Penso que esta pesquisa pode contribuir com esse campo de estudo acerca das agências históricas negras em Santa Catarina em torno do carnaval a partir da cidade de Laguna e suas outras agremiações carnavalescas, adensando o panorama já constituído pelos/as pesquisadores/as Reis (1996) e Tramonte (1995).

Além do carnaval e das escolas de samba, outra temática recorrente acerca das populações afro-diaspóricas, em específico no sul do Brasil, são os associativismos, conceito construído a partir de diferentes estudos sobre clubes, sociedades recreativas, musicais, desportivas, literárias negras (SILVA, 2017; SANTIAGO, 2019). Nesse sentido, sobre Laguna, o trabalho do historiador Júlio César da Rosa (2011; 2021) é referência e reforça essa percepção. Rosa (2011) em sua dissertação, trabalhando com fontes variadas, atentou-se para a temática dos clubes recreativos – em específico, a Sociedade Recreativa União Operária de 1903 e o Clube Literário Cruz e Sousa de 1906 –, pensando a formação desses territórios a partir das estratégias e tensões da construção de múltiplas identidades afrodescendentes no pós-abolição. Já em sua tese (ROSA, 2021) fez um recuo no recorte temporal até o século XIX com o objetivo de perceber o entrelaçamento entre os personagens sociais da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Laguna e as sociedades musicais, União dos Artistas e Carlos Gomes. A partir dessa investigação estabeleceu a rede de relações entre os associados dessas agremiações antes e depois da abolição (ROSA, 2021, p. 21). Entendo que esta pesquisa contribui para pensar estes espaços de associativismo e ampliar a abordagem acerca deles a partir das celebrações e articulação com as outras formas de celebrar, visto, por exemplo, as relações dos membros dos clubes União Operária e Cruz com as devoções negras de N. S. do Parto e N. S. da Conceição, bem como, com a escola de samba “Brinca Quem Pode”.

Minhas fontes e o aporte teórico-metodológico

O corpus documental que proponho para o trabalho historiográfico está composto por entrevistas já realizadas e que serão ampliadas ao longo da pesquisa, bem como, com uma documentação levantada previamente na pesquisa em arquivos que também será ampliada a partir da pesquisa no arquivo municipal da Casa Candemil, no acervo da Sociedade

Recreativa União Operária, nos acervos das sociedades carnavalescas/escolas de samba, no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, no Arquivo do Tribunal de Justiça de Santa Catarina e nos Arquivos eclesiástico da Diocese de Tubarão e da Paróquia Santo Antônio dos Anjos de Laguna. Nesse sentido, no levantamento e contato prévio com fontes, sendo essas catorze entrevistas e 183 diferentes documentos históricos (cartas, ofícios, fotografias, jornais) localizados em arquivos, foi possível perceber uma multiplicidade de elementos referentes às experiências negras da cidade. Nesse sentido, por exemplo, na fala dos (as) entrevistados (as), localizei evidências sobre formas de trabalho, formas de celebrar, redes de solidariedade, constituição de identidades, bem como, tensões e disputas de poder perpassadas pela classe/raça e gênero. A documentação dos arquivos contribuiu para adensar essa percepção. Em específico, dentro desse panorama, o que mais me chamou atenção foi a questão do celebrar. Tanto nas documentações como na oralidade, os carnavais, as festas religiosas e atividades recreativas nos clubes sociais apareceram como elementos importantes na memória negra da cidade. A fase de trabalho com a fonte está em andamento, tendo algumas entrevistas já transcritas, inventariadas e analisadas. Já a documentação arquivística encontra-se em grade parte inventariada, sendo a próxima fase de análise. Por últimos, ao retorno aos arquivos previsto para 2023/2.

Acerca da base teórico-metodológica que orientará o trabalho de pesquisa torna-se indispensável a mobilização de diferentes campos de estudos e produções intelectuais, tendo em vista o objetivo de compreender as experiências e narrativas de múltiplos sujeitos marcados por questões de raça/classe/gênero e pela colonialidade em um tempo e espaço. Nesse sentido será necessário construir possíveis diálogos entre diferentes campos de conhecimento das ciências humanas, sociais e das artes tendo como base a perspectiva do intelectual palestino Eduardo Said (2005) que aponta para uma circularidade de ideias a partir de teorias itinerantes.

Destaco então o campo da História do Tempo presente, bem como, o campo dos estudos do Pós-abolição a partir de uma perspectiva da decolonialidade como base metodológica, no diálogo com intelectuais do campo de Estudos Pós-Colonial e Afro-diaspórico, cujo objetivo é contribuir para a construção de uma historiografia que evidencie e incorpore a perspectiva afro-diaspórica, suas experiências e memórias sobre a história da cidade, seus diferentes territórios e formas de celebrar no tempo presente. Nesse sentido, as questões teórico-metodológicas pertinentes aos campos dos estudos decoloniais, da Pós-



abolição e da História do Tempo Presente (HTP) articuladas possibilitam uma abordagem nova acerca da temática dos estudos históricos da negritude e da diáspora em Santa Catarina. A HTP contribui para pensar as narrativas em um contexto no qual ainda existem “passados que constituíram grandes traumatismos nas identidades e nas consciências históricas nacionais” (DELACROIX, 2018, p. 45) e que, portanto, geram reverberações e ações no presente. Com base nisso, acredito não ser possível pensar a HTP no Brasil sem ter como um de seus marcos o trauma causado pela catástrofe — conceito importante para o campo — da escravidão. O filósofo africano de nacionalidade camaronesa, Achille Mbembe (2014) pontua que esta constitui, junto da colonização e do apartheid, três catástrofes mundiais pautadas no racismo criado a partir do início da modernidade. Desse modo, as reverberações dessas têm no racismo um dos principais motivos que fazem delas questões do presente, enquanto passado que não passa (ROUSSO, 2016).

O foco de análise das trajetórias afro-diaspóricas na constituição das formas de celebrar em Laguna está ancorado numa perspectiva teórico-metodológica na interlocução com o pensamento de intelectuais pós-coloniais e decoloniais – afrodiaspóricos, africanos, latino-americanos e europeus, que contribuem para pensar conceitos e categorias que embasam a reflexão e interpretação das evidências presentes nas fontes de pesquisa em relação às experiências das populações afro-diaspóricas no espaço geopolítico da América. Esse posicionamento político e epistemológico se alinha a uma perspectiva de construção de conhecimento que propõe o descentramento de paradigmas eurocêntricos, que se pressupõem hegemônicos, de análise histórica colocando-o em relação.³ Assim sendo, a categoria político-cultural de amefricanidade de Lélia Gonzalez (1988, p. 76 -77) torna-se central nessa tese, pois propõe ultrapassar limites de território, de língua ou ideológicos para construir “entendimentos mais profundos” acerca do espaço geopolítico do continente, que nesse sentido é entendido como “América”, abarcado “como um todo Sul, Central, Norte e Insular”. Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada.

³A ideia aqui é pensar a partir da perspectiva de Glissant (2011, p. 155-156), intelectual afro-caribenho, e a sua perspectiva de poética da relação onde “O contato de culturas infere todavia uma relação de incerteza, na percepção que ela se tem, ou na vivência que dela se presente. [...] Nesta problemática, ninguém sabe como as culturas reagirão umas perante as outras, nem quais dos seus elementos serão preponderantes, ou considerados como tais, além das determinações do poder e da dominação. Nesse pleno-sentido, todas as culturas são iguais na relação.”.



Dito isso, do ponto de vista metodológico a história oral em conjunto outras metodologias de trabalho de fontes históricas serão mobilizadas para a construção desta tese que conta com um amplo corpus documental. Nesse sentido, as fotografias serão incorporadas a tese com base no entendimento de que a partir das diferentes interações sociais a que são expostas e sendo possuidoras de valências de ícone, índice, objeto e fantasma (Lissovsky, 2014) elas possibilitam identificar diferentes sentidos, apropriações e valores atribuídos pelos agentes sociais em um determinado presente (MENESES, 2003). Colocadas em frente aos entrevistados desta pesquisa as fotografias, por exemplo, podem contribuir com a identificação e construção de sentidos múltiplos para as diferentes formas de celebrar afro-diaspóricas me Laguna.

Já os documentos arquivísticos, tendo em vista a multiplicidade de usos que podemos fazer deles, serão tomados enquanto fontes de informações que adensem as narrativas orais, bem como, elementos importantes para a construção dos contextos históricos abordados na tese. Nesse sentido, é pontual colocar que tais documentos não serão tomados enquanto verdade absoluta, mas sim registros de diferentes perspectivas produzidas em um passado histórico (BARCELLAR, 2008). Dentre a documentação selecionada para esta pesquisa destaco as cartas e os periódicos. As cartas, que, por exemplo, são fontes que possibilitam uma abordagem que perpassa desde a vida privada até a vida pública dos sujeitos históricos, nessa tese possibilitarão, quando confrontadas com outros documentos, investigar acerca do funcionamento de diferentes instituições (MALATIAN). A princípio, destaco a Igreja Católica em Laguna e sua relação política com a capital no contexto de romanização⁴ que afetou diretamente as irmandades e devoções negras no início do século XX. Já os periódicos são centrais na identificação de festividades ligadas a essas irmandades e devoções negras em Laguna. Meu foco está voltado para as propagandas das festas de N. S. do Rosário, N. S. do Parto e N.S. da Conceição publicadas em jornais da cidade. Tais recortes possibilitarão constituir uma análise sobre a dimensão social desses eventos na cidade a partir de questões como as opções estéticas utilizadas nas imagens das propagandas e a localização destas na

⁴Tem por origem os processos de transformação da relação entre sociedade e Igreja Católica, bem como a perda de influência desta desde o final do século XVII. Como resposta, a igreja buscou empreender esforços para aumentar seu poder espiritual sobre seus fiéis. Este movimento foi designado romanização do catolicismo, dado sua ligação direta com a Cúria Romana, mas também pode ser encontrado como fé ultramontana, caracterizada pelo reconhecimento e centralização do poder do Pontífice Romano. No Brasil, o fim da monarquia e do padroado, ligação entre Igreja e Estado, bem como a ascensão da república, passam a ser um ponto de preocupação das autoridades eclesiais e caracterizam o início de ações romanizadoras no país (AZZI, 2008).



publicação. Além disso, permitem também traçar, em conjunto com outros documentos, uma caracterização dos grupos responsáveis pelas publicações (LUCA, 2008).

No que se refere a história oral enquanto metodologia é entendida aqui como não somente uma estabelecadora e ordenadora de procedimentos de trabalho técnico, mas também como possibilidade de construir uma narrativa histórica que reflita questões teórico e práticas sem desassociá-las. Questões como os “diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada uma delas para as pesquisas”, os diferentes tipos de transcrição, que podem dar o tom do narrar da memória pela pessoa entrevistada e revelar ou ocultar informações, e por último, mas muito importante para esta pesquisa, a possibilidade de refletir “as influências disso sobre seu trabalho - funcionando como ponte entre teoria e prática” (AMADO; FERREIRA, 2006 p. 16). Nessa perspectiva, busco estruturas minhas entrevistas em forma de “história de vida”, na qual a trajetória de vida das pessoas entrevistadas tem relação com o tema pesquisado (ALBERTI, 2013). Com isso, entendo que este trabalho com a memória requer um exercício de “[...] ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio do estudo aprofundado de experiências e visões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu” (ALBERTI, 2013, p. 30). O trabalho com a memória nessa perspectiva contribui também com o exercício de pensar as fontes orais na interlocução com outras documentações, de forma que a partir de um relato oral podemos traçar linhas antes não pensadas, dialogando com outras pessoas e informações, dando sentidos diversos às “fontes documentais do trabalho historiográfico” (LOZANO, 2006, p. 23).

Tendo como base essa perspectiva, a ideia de interlocução é central para esse trabalho, sendo entendida enquanto a relação do pesquisador com as pessoas da pesquisa na construção do conhecimento histórico. Dessa forma, os(as) entrevistados(as) são interlocutores(as) que produzem conhecimento sobre si na relação com o eu pesquisador e em conjunto com as cartas, ofícios, fotografias, jornais fornecem os elementos necessários para meu trabalho. Esse que entendo pautado por uma metodologia de “costura da memória”, conforme aponta a intelectual Rosana Paulino (2018), artista plástica negra brasileira. Foi a partir de suas obras que visualizei minha relação com as pessoas da pesquisa, suas memórias e as variadas fontes documentais. Em específico, destaco obra “*Parede da memória*” (1994/2015), na qual Paulino constitui uma colcha de retalhos com onze fotografias de sua família multiplicadas até formar o painel com 1500 retratos, costurados em forma de patuás. Ao olhar para essa

composição, deparei-me refletindo sobre as complexas camadas de existências no tempo. As memórias eternizadas nas fotografias olham para o observador e juntas evidenciam que contar uma história das populações negras no espaço da América requer um alinhavar dessas memórias ancoradas em corpos negros (ANTONACCI, 2013), reconhecendo a multiplicidade das formas as quais elas se manifestam. Aliado a isso, a costura da memória no trabalho de Paulino se estende a uma produção multifacetada, que permite refletir profundamente, em seu trabalho e nessa pesquisa, a estruturação dos papéis sociais e políticos das populações negras no Brasil (PAULINO, 2018, p. 12).

É possível pensar, portanto, a memória mobilizada de diferentes formas por populações afro-diaspóricas no espaço da América, geradas a partir de experiências primordiais do passado das quais não necessariamente se foi testemunha, e analisada não pelo seu conteúdo de verdade ou resistência ao reconhecimento, mas como um dos caminhos profícuos para a construção de conhecimento sobre, com e a partir das pessoas interlocutoras desta pesquisa (MORTARI; WITTMANN, 2018). Isso porque as memórias são entendidas enquanto resultados das experiências e produção de conhecimento de pessoas circunscritas a um determinado tempo e espaço, portanto, ao corpo-política do conhecimento, noção elaborada a partir de discussões situadas no campo da decolonialidade latino-americana.⁵ Entendo, neste sentido, a produção de conhecimento enquanto um processo plural, longe de uma neutralidade cientificista do modelo cartesiano, onde as sensações, percepções e sentires do corpo não se separam da mente. A partir de um espaço geopolítico de experiência o corpo-política vive, sente e pensa; produzindo conhecimento através das sensações e sentires que o perpassa, processados na relação do sentir pensar (ESCOBAR, 2014; BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2020).

Um convite à Laguna

Com base nisso, a estrutura da tese será um convite de caminhar ao longo de quatro capítulos com algumas personagens através de suas trajetórias na cidade e refletir sobre a constituição de formas de celebrar. O convite se estende também a uma reflexão que se

⁵Tais discussões estão pautadas nas reflexões de diferentes autores (p.ex.: CASTRO-GOMEZ; GROSFUGUEL, 2007; MIGNOLO; ESCOBAR, 2014, MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2006; WALSH; SCHIWY; CASTRO-GOMEZ, 2002; BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2020).



propõem tencionar as narrativas hegemônicas de Laguna e conseqüentemente de Santa Catarina e do sul do Brasil. No primeiro capítulo, intitulado *“Eles contavam muitas histórias do tempo deles na União, na Carlos Gomes e no Jazz”*: os músicos afro-diaspóricos de Laguna em festa, busco explorar as relações entre os músicos afro-diaspóricos e a formação das festividades em Laguna. A hipótese de investigação tem por base a ideia de que as trajetórias individuais dos músicos e as redes de relações por eles estabelecidas podem contribuir para a construção de um entendimento mais amplo sobre as diferentes formas de celebrar em Laguna, destacada a presença das bandas musicais em festas religiosas, bailes e carnavais, que vai além de uma percepção eurocentrada de simples adaptação ao modelo da colonialidade. Utilizarei como fontes narrativas orais, registros de associação nas sociedades musicais Carlos Gomes e União dos Artistas, e fotografias. A metodologia adotada é baseada na costura da memória, combinando o trabalho da memória individual e coletiva.

Já no segundo capítulo, intitulado *“Então os filhos, a gente, andava nas casas e pedia flores para enfeitar o altar”*: sentidos de fé e estratégias sociais no celebrar serão abordadas trajetórias de pessoas afro-diaspóricas em Laguna, assim como no primeiro. As fontes utilizadas incluem relatos orais das próprias pessoas e seus familiares, fotografias, registros eclesiásticos e periódicos. O objetivo central é perceber as estratégias adotadas por essas pessoas em relação ao catolicismo colonial e analisar os diferentes sentidos atribuídos por elas ao ato de celebrar. Por meio da análise desses sentidos, acredito ser possível identificar formas de resistência e existência contra-hegemônicas na América. Ressalto que existem registros orais e documentos provenientes de minha pesquisa de mestrado que oferecem indicações sobre os múltiplos significados atribuídos às festas de Nossa Senhora do Parto e Nossa Senhora da Conceição, ambas devoções católicas de origem negra na cidade. Durante o mestrado não pude aprofundar acerca desses sentidos, porém, acredito que neste capítulo poderem desenvolver uma discussão mais adensada.

No terceiro capítulo chamado *“A gente tem que preservar a Operária que é um clube de negro no centro”*: sociedades recreativas e os sentidos de celebrar, tenho por objetivo é analisar as redes de relações entre a União Operária, o clube negro mais antigo de Santa Catarina, fundado em 1903, e seus sócios, explorando suas trajetórias e investigando não apenas a constituição dos bailes realizados no clube, mas também a relação da sociedade recreativa com outras formas de celebração, como o carnaval e as festas religiosas. Para tanto, utilizarei registros orais, fotografias e documentação administrativa do próprio clube.

Destaco também a existência de um relato oral que narra uma relação entre a festa de Nossa Senhora da Conceição e o Clube União Operária. Ao explorar essas temáticas nesse capítulo busco compreender a importância cultural e social do clube, assim como contribui para uma compreensão mais abrangente da história das sociedades recreativas e dos significados atribuídos às diferentes formas de celebrar em Laguna.

Por último, o quarto capítulo “*Quem entra no samba não pode sair*”: o carnaval e as tramas da folia terá como centralidade o carnaval e as intrincadas tramas que envolvem essa festividade. As fontes utilizadas incluirão registros orais, vídeos da Secretaria de Cultura da cidade, documentação das escolas de samba e periódicos. O objetivo é pesquisar a constituição do carnaval em Laguna, considerando as relações entre os personagens envolvidos na construção das diferentes etapas dessa festividade, as estratégias adotadas e sua relação com os clubes negros, as devoções religiosas e as sociedades musicais. Dessa forma, no quarto capítulo explorará o carnaval como uma festividade central em Laguna, destacando as tramas complexas que permeiam sua organização e as questões relacionadas ao seu caráter popular, à representatividade afro-diaspórica e à disputa entre o carnaval comercial "da praia" e o carnaval tradicional da "cidade", que no tempo presente apareceu em alguns relatos orais coletados durante o desenvolvimento de minha dissertação enquanto uma questão de demanda por parte da população negra da cidade.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2013.
- AZZI, Riolando. Presença da Igreja na sociedade brasileira e formação das dioceses no período republicano. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (org.). **Faces do Catolicismo**. Florianópolis: Insular, 2008. 376 p.
- BARCELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Karla (org.). **Fontes históricas**. 2e.d., 1 reimpressão - São Paulo, Editora contexto, 2008, p. 23 - 80.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramon. Introdução: Decolonialidade e Pensamento Afro diaspórico. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramon (orgs.) **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 9-26.



BHABHA, H. **O local da cultura**. 4. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BRISOLA, Elisa Maria Andrade; MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira. A História oral enquanto metodologia dentro do universo da pesquisa qualitativa: um foco a partir da análise por triangulação de métodos. **UNITAU: Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 4, n.1, p. 124-136, jan.-jul, 2011.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; MALAVOTA, Claudia Mortari (org.). **Pretos/as do Rosário: A irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos** (século XIX). Itajaí: Ed. Casa Aberta, 2008.

CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (ed.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana y Siglo del Hombre Editores, 2007.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39-79, jan./mar. 2018.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con latierra**. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). Apresentação. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, p. 7 - 25, 2006.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Portugal: Porto Editora, 2011.

GOES, L. F. de; FERNANDEZ, C. Reflexões metodológicas sobre pesquisas do tipo estado da arte: investigando o conhecimento pedagógico do conteúdo. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 1, p. 94-118, 2018. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen17/> REEC_17_1_5_ex1117.pdf. Acesso em: 13 ago. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Introdução. In: MUNANGA, Kabengele, **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GONÇALVES, Janice. **Sombrios umbrais a transpor: Arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], v. 80. Disponível em: <http://rccs.revues.org/697>, 2008.

JARAMILLO, Maria Matilde Villegas. **Entre os Morros e a Lagoa: Laguna Cidade – Documento**. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2016.



LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade e segregação. In: LEITE, Ilka B. (org). **Negros no sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporânea, 1996, p. 33 -53.

LISSOVSKY, M. O que fazem as fotografias quando não estamos olhando para elas? In: _____. **Pausas do destino**: teoria, arte e história da fotografia. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014. p. 133-149.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 15 - 25.

LUCA, Tânia Regina. Fontes impressas. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tânia Regina (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 111 - 154.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. **Laguna**: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tânia Regina (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195 - 222.

MAMGONIAN, Beatriz Gallotti; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; TEIXEIRA, Luana. Apresentação. In: MAMGONIAN, Beatriz Gallotti; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; TEIXEIRA, Luana. (org.). **Pós-Abolição no Sul do Brasil**: associativismo e trajetórias negras. Salvador: Sagga, 2020, p. 9-18.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MENESES, U. T. B. de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MIGNOLO, Walter D. A opção de-colonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso. **Tabula Rasa**, n.8, p. 243-282, 2008.

MIGNOLO, Walter; TLOSTANOVA, Madina V. TheorizingfromtheBorders: ShiftingtoGeo/Body-PoliticsofKnowledge. **European Journal of Social Theory**, Sussex, v. 2, n.9, p. 205 - 221, 2006.

MORTARI, Claudia. O “equilíbrio das histórias”: reflexões em torno de experiências de ensino e pesquisa em História das Áfricas. In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Sílvia Marcus de Souza (Org.). **Nossa África**: ensino e pesquisa. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 41-53.

MORTARI, Cláudia; WITTMANN, LuisaTombini. Histórias compartilhadas: propostas universitárias de construção de conhecimentos decolonizados. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 154-176, jan./abr. 2018.



MORTARI, Cláudia. **Aula Epistemicídios**. Florianópolis: FAED/UEDESC, 19 ago. 2021. [Disciplina Pensamentos e Narrativas Pós-Coloniais e Decoloniais].

MUNANGA, Kabengele, **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PAULINO, Rosana. **A costura da memória**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

PEDRO, Joana Maria et al. Escravidão e preconceito em Santa Catarina: história e historiografia. In: LEITE, Ilka B. (org). **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporânea, 1996.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas; FAPERJ, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 73-117.

RASCKE, Karla Leandro. **Irmandades negras: memórias da diáspora no sul do Brasil**. Curitiba: Appris, 2016

REIS, Aloísio Luiz dos. **“Brinca quem pode”**: Territorialidade e (In)Visibilidade Negra em Laguna - Santa Catarina. 1996. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ROSA, Júlio César da. **Sociabilidades e territorialidade: a construção de sociedades de afrodescendentes no sul de Santa Catarina (1903-1950)**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade do Estado de Santa Catarina. 2011.

ROSA, Júlio César da. **Associativismo negro em laguna e a construção identitária: irmandade, sociedades musicais e clubes negros (1870 a 1950)**. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org) **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 93 - 101.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SAID. Edward Wadie. Reconsiderando a Teoria Itinerante. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. **Deslocalizar a “Europa”**: Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-colonialidade. (Org). Edições Cotovia, Lda, Lisboa, 2005.



SANTIAGO, Fernanda Lucas. **Mulheres negras: trajetórias de (re) existências em rede** (Curitiba, 1922-1963). 2019. 1 recurso on-line (169 p.) Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestrado em História, Florianópolis, 2019.

SAYÃO, Thiago Juliano. Negras paisagens. Primeiras leituras sobre a demolição e o apagamento da igreja da Irmandade do Rosário de Laguna, SC. In: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal - RN - Brasil, 2013. ISBN: 978-85-98711-11-9

SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos clubes negros : culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960)**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR - RS, 2017.

SILVA, Jaime Jose dos Santos. **Memórias do cacumbi: cultura afro-brasileira em Santa Catarina, século XIX e XX**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2015.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

TRAMONTE, Cristiana de Azevedo. **A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis: a construção da hegemonia cultural através da organização do carnaval**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 1995.

WALSH, Catherine; SCHIWY, Freya; CASTRO-GOMEZ, Santiago (eds). **Indisciplinar lacienciassociales: geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder: perspectivas desde lo andino**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar y Ediciones Abya Yala, 2002.